

Por uma história do cinema insubordinada (ou rebelde)

For an insubordinate (or rebellious) history of cinema

Nicole Brenez

Professora da Universidade de Paris-3/Sorbonne Nouvelle. Pesquisa história e teoria cinema do cinema de vanguarda e, desde 1996, é curadora na Cinemateca Francesa. Contribui regularmente para a *Trafic*, *Cahiers du Cinéma* e *Rouge*.

Email: nicole.brenez@univ-paris3.fr

Tradução: Camila Vieira da Silva

Doutoranda em Comunicação e Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)

Submetido em: 10/05/2016

Aceito em: 20/06/2016

DOSSIÊ

RESUMO

Em texto publicado em 2009 na revista *Framework*, Nicole Brenez reflete sobre a importância do trabalho de cineastas engajados em movimentos revolucionários de guerrilha e de cinéfilos interessados em mapear produções cinematográficas que atuam como contra-informação e compõem a história de um cinema resistente a uma perspectiva industrial.

PALAVRAS-CHAVE: cinefilia; contrainformação; guerrilhas; cinema revolucionário.

ABSTRACT

In a text published in 2009 at *Framework* journal, Nicole Brenez reflects on the importance of the work of engaged filmmakers in revolutionary guerrilla movements and on cinephiles interested in mapping cinematic productions that act as counter-information and make up the story of a cinema resistant to an industrial perspective.

KEYWORDS: cinephilia; counter-information; guerrillas; revolutionary cinema.

Originalmente publicado na revista *Framework* 50, N. 1 e 2, Primavera e Inverno 2009, pp. 197-201. Copyright 2009 Wayne State University Press, Detroit, Michigan 48201-1309.

Para começar, eu discordo inteiramente da premissa: não apenas foi o Maio de 1968 filmado, consideravelmente e bem, mas o período desencadeou algumas das mais magníficas iniciativas na história do cinema em relação tanto à forma quanto à organização prática. Por dez anos na Cinemateca Francesa, tenho dedicado uma parte de meus programas à exploração de filmagens de coletivos, de filmes engajados e 2008 por inteiro foi dedicado a uma série “Maio de 68 Internacional” (México, Argentina, Japão, Estados Unidos, Reino Unido, Itália...), rica em descoberta. O período 1965-1974 é provavelmente o mais fértil e mais excitante na história das formas e das proposições cinematográficas, um verdadeiro vulcão estético. Isto não faz as questões que você coloca para o presente menos pertinentes, já que o que de mais interessante a cinefilia contemporânea acolhe, em parte, são os gestos críticos que conduzem às explosões revolucionárias dos anos 1960 por todo lugar no mundo: trabalho coletivo, examinação crítica, emergência do alternativo e culturas autônomas. Os lugares de troca, de pirataria, os blogs, no trabalho de alguns, estendem os valores defendidos pelo que Fernando Solanas e Octavio Getino têm teorizado sob o termo “terceiro cinema”, essencialmente no que concerne a contrainformação: pense no trabalho da Indymedia.

Mas é necessário também desenvolver uma contrainformação cinéfila. A batalha principal concerne ao presente: a produção de imagens valiosas é tanta que nenhum crítico, mesmo o infatigável Jonathan Rosenbaum, nenhum historiador, nenhum diretor de festival pode dar conta da produção cinematográfica de um dado tempo. Em todos os lugares nos mundos real e virtual, saltam proposições sobre o cinema, enquanto a história do cinema passado resta preponderantemente em estabelecer. Acredito que nunca houve tanto trabalho para os cinéfilos quanto hoje: trabalho sobre o *corpus* do passado e do presente, trabalho sobre os métodos de observação, de coleta, de conservação, de análise, e assim em diante.

Podemos citar vários exemplos. Em termos de *corpus*, uma iniciativa importante tem sido aquela de Alexis Tioseco em 2005 com o site *Criticine*¹, que tabela dia após dia os contornos dos cinemas do sudeste da Ásia, começando com as Filipinas. Em termos de métodos analíticos, alguém pode apenas saudar ainda e para sempre o site magnífico dirigido por Adrian Martin, Helen Bandis e Grant McDonald, *Rouge*², que mantém uma atenção permanente à internacionalização de caminhos/abordagens críticas. Em termos de conservação/patrimônio, o site *Ubu*³, especializado em vanguardas, representa um sonho cinéfilo. E então há todos os blogs, os sites de artistas ou cinéfilos individuais. Irei citar apenas dois, ambos excitantes: aquele do bem independente e solitário Marcel Hanoun, que, em um único movimento, tem colocado todos os seus filmes online: *Marcel-Hanoun*⁴; e aquele do grande designer Peter Whitehead, *Nohzone*⁵, que é um objeto de arte em si e apresenta o material eletrônico do qual virá seu próximo filme, *Terrorism Considered as One of the Fine Arts*.

1 www.criticine.com

2 www.rouge.com.au

3 www.ubu.com/film

4 www.marcel-hanoun.com

5 www.nohzone.net

“A cafetinagem fenomenal do cinema pelo capitalismo desde seu nascimento tem formado quatro a seis gerações de espectadores e nos encontramos diante de um Himalaia de imagens que constituem sem dúvida a maior coleção moderna de banalidades”⁶. Uma geração depois, nenhuma melhoria visível: um certo número de espectadores mal informados acreditam ainda que *Titanic* (Estados Unidos, 1997), de James Cameron, é um filme mais importante que *A Luta Continua* (Moçambique, 1976), um curta incrível filmado por Asdrubal Rebelo e Bruno Muel com o povo angolano em luta, que equivale mais ou menos em acreditar que algumas amostras de papel de parede são mais importantes que os escritos de Arthur Rimbaud. Desde os livros e relatos de Guy Hennebelle, a história do cinema das lutas armadas, guerrilhas e combates revolucionários nada mais é que apenas iniciativas isoladas, como aquelas por exemplo de Alain Weber⁷ ou suas nos filmes de lutadores na Guerra Civil Espanhola ou os sandinistas.

A história do cinema resistente a uma perspectiva industrial resta inteiramente a ser escrita. Hoje, cinéfilos pelo mundo se encontram e se agrupam facilmente. Alguém ainda poderá dizer que a distância geográfica favorece a proximidade mental, para amaciar artimanhas de personalidade ou conflitos territoriais que geralmente caracterizam capelas/congregações locais. Falando pessoalmente, com meus amigos e meus estudantes, sinto-me próxima a cinéfilos que talvez nunca encontrarei, tais como Mubarak Ali e seu blog com

o título elegante *Supposed Aura*⁸, ou o trio chocante que movimenta o *From the Clouds to the Resistance*⁹: Andy Rector, Gabe Klinger e Zach Campbell; e, através deles, o rizoma de links que eles têm estabelecido. Juntos, para aqueles que se importam, eles são capazes, nós somos capazes, de estabelecer esta história rebelde e autônoma, em larga escala, para cujas fundações teóricas e históricas os textos de Auguste Blanqui, Walter Benjamin, Malcolm X, o Underground Weather, Howard Zinn e os livros de Amos Vogel, *Cinema as a Subversive Art*, ou Stephen Dwoskin, *Film is...*, fornecem os modelos literários práticos. Não apenas uma história dos derrotados cujos túmulos devemos redescobrir, como o admirável filme de John Gianvito, *Profit Motive and the Whispering Wind* (Estados Unidos, 2007), acabou de fazer, mas também uma história de criadores livres e vivos – e eu escrevo isto enquanto a geração de cineastas engajados nascidos no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 ainda estão vivos e trabalhando: Rene Vautier, Marcel Hanoun, Raynonde Carasco e, é claro, Jean-Luc Godard, entre outros. A tarefa é tão formidável quanto nossa oportunidade de revirar os critérios usados na história do cinema.

Aqui, em um caminho programático, é um olhar engajado para o cinema (que não é o único que necessita ser trabalhado, mas o mais obscuro e reprimido, talvez), o começo de uma lista de cineastas que tem participado de um movimento de guerrilha revolucionária ou de uma batalha resistente nos maquis, com uma arma, com uma câmera, ou com ambas ao mesmo tempo. No universo do cinema de dominação, eles têm quebrado o cerco, eles têm sucedido em uma ruptura magistral, eles têm recusado a divisão destrutiva entre a função combatente e a função poética; eles são estes “homens em luta, anunciando o verdadeiro significado

6 Marguerite Duras, “Du livre au film”, in *Des femmes de Musidora, Paroles... elles tournent* (Paris: Éditions des femmes, 1976), p. 82.

7 Alain Weber, *Cinéma(s) français, 1900-39. Pour un monde différent* (Paris: Séguier, 2002).

8 www.supposedaura.blogspot.com

9 www.fromthecLOUDS.blogspot.com

de suas batalhas em suas próprias palavras”¹⁰. Você é um dos poucos que conheceu o primeiro, então você sabe bem, Jonathan Buchsbaum, que o nome menos familiar, é o mais importante.

Armand Guerra	Jacques-Bernard Brunius
Henri Sirolle	Giorgio Agliani
Adrien Porchet	Paolo Gobetti
Félix Marquet	Mario Bernardo
Ramon de Banos	Gianni Toti
Pablo Weinschenk	Lionel Rogosin
Antonio Garcia	Edouard de Laurot
Mateo Santos	Joris Ivens
Jacinto Toryho	Chris Marker
Juan Palleja	René Vautier
Angel Lescarboursa	Roger Pic
Louis Frank	Jacques Charby
Clemente Pia	Mario Marret
Jose Gaspar	Yann Le Masson
Antonio Polo	Pierre Clément
Angel Garcia Verches	Armand Gatti
Joaquin Giner	José Massip
Adolfo Aznar	Jesus Diaz
Carlos Martinez Baena	Humberto Solás
Roman Oliveras	Julio García Espinosa
Alvah Bessie	Tomás Gutiérrez Alea
Dziga Vertov	Manuel Octavio Gómez
Alexandre Medvedkine	Humberto Arenal
Santiago Álvarez	Ahmed Lalle
Orlando Jimenez Leal	Marceline Loridan
Saba Cabrera	Jean-Pierre Sergent
Ricardo Vega	Marcel Trillat
Helvio Soto	Asdrúbal Rebeleo
Fernando Solanas	Gary Garabedian
Octavio Getino	Djamal Chanderli Yamina
Fernando Birri	Mohammed Lakhdar-Hamina

10 Masao Adachi, in *Armée rouge-Front Populaire de Libération Palestinien: Déclaration de guerre mondiale (Sekigun-P.F.L.P.-Sekai Senso Sengen)* de Masao Adachi (Japan/Palestine, 1971). Usamos aqui a versão inglesa de Mio Matsumoto, disponível em www.bordersphere.com.

Mario Handler	Khaçed Hamada
Jorge Sanjinès	Mustapha Abou Ali
Oscar Soria	Tewfik Salah
Antonio Eguino	Borhan Alaouié
Luis Espinal	Manfred Fuchs
Miguel Littin	Nana Mahomo
Hector Oliveira	Hany Jawhaharijja
Oswaldo Bayer	Christian Ghazi
Patricio Guzman	Heiny Srour
Ali Djenaoui	Jean-Michel Humeau
Mahmoud Fadel	Jean-Louis Ughetto
Maamar Zitouni	Fouad Touhamy
Othman Merabet	Jocelyne Saab
Mourad Ben Rais	Gordian Troeller
Salah Ed Dine Senoussi	Marie-Claude Deffarge
Kharoubi Ghaouti Mokhtar	Jan Lindquist
Abdelkader Hassena	Lionel N'Gakane
Slimane Ben Semane	Phela N'Deba
Karl Gass	Arnold Antonin
Nars Guenifi	Ben Dupuy
Mustapha Badie	Keramat Daneshian
Guy Chalon	Rafig Pooya
Philippe Durand	Rogério Sganzerla
Olga Poliakoff	Paul Leduc
Jacques Panijel	Diego de la Texera
Yacef Saadi	Carlos Alvarez
Pierre Nelli	Humbert Rios
Ahmed Rachedi	Carlos Flores
Mohamed Slim Riad	Guillermo Cahn

Todos os cineastas dos Coletivos pela Liberação e tantos outros ainda são ignorados.